



LÍNGUA PORTUGUESA

INSTRUÇÃO: As questões de números **01** a **03** tomam por base um poema de Cecília Meireles (1901-1964), cujo tema é a natação, e um poema de Joaquim Cardozo (1897-1978) sobre as vitórias do atleta brasileiro Ademar Ferreira da Silva no salto tríplice (medalha de ouro nas Olimpíadas de Helsinque, em 1952, e de Melbourne, em 1956, entre outras vitórias).

Nadador

O que me encanta é a linha alada
das tuas espáduas, e a curva
que descreves, pássaro da água!

É a tua fina, ágil cintura,
e esse adeus da tua garganta
para cemitérios de espuma!

É a despedida, que me encanta,
quando te desprendes ao vento,
fiel à queda, rápida e branda.

E apenas por estar prevendo,
longe, na eternidade da água,
sobreviver teu movimento...

(Cecília Meireles. Jogos olímpicos. In: **Poesias completas de Cecília Meireles – vol. IV**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1973. p. 44.)

O salto tripartido

Havia um arco projetado no solo
Para ser recomposto em três curvas aéreas,
Havia um vôo abandonado no chão
À espera das asas de um pássaro;

Havia três pontos incertos na pista
Que seriam contatos de pés instantâneos.
Três jatos de fonte, contudo, ainda secos,
Três impulsos plantados querendo nascer.

Era tudo assim expectativo e plano
Tudo além somente perspectivo e inerte;
Quando Ademar Ferreira, com perfeição olímpica,
Executou, em relevo, o mais alto,
— Em notas de arpejo
— Em ritmo iâmbico
O tripartido salto.

(Joaquim Cardozo, **Poesias completas**. Rio de Janeiro:
Editora Civilização Brasileira, 1971. p. 108.)

1

Embora a natação seja um esporte da água e o salto tríplice um esporte do solo, envolvem também manobras no plano do ar (o salto de partida, na natação, e os três saltos seguidos, no salto tríplice), o que permite entender, nos poemas apresentados, a utilização de imagens que podem ser consideradas “aéreas”. Aponte duas palavras ou expressões da primeira estrofe (primeiros três versos) do poema de Cecília e duas palavras ou expressões da primeira estrofe (primeiros quatro versos) do poema de Cardozo que exprimem noções relacionadas com o plano do ar.

Resolução

As imagens aéreas, na primeira estrofe do poema de Cecília Meireles, são “linha *alada*” e “*pássaro da água*”; na primeira estrofe do poema de Joaquim Cardozo, são “*curvas aéreas*”, “*vôo abandonado*” e “*asas de um pássaro*”.

2

Os dois poemas divergem no que diz respeito ao ponto de vista utilizado pelo eu-poemático para focalizar o tema. No poema de Joaquim Cardozo, as formas verbais surgem na terceira pessoa, o que cria um distanciamento entre o eu-poemático e o evento narrado liricamente. Já no poema de Cecília Meireles, o eu-poemático assume a primeira pessoa do singular. Aponte o efeito, em termos narrativos, dessa escolha de Cecília.

Resolução

Admitindo-se que também no poema de Cecília Meireles se trate de narrativa — como propõe a questão —, a escolha da primeira pessoa intensifica a carga lírica do texto por implicar uma maior presença, e mesmo a participação, do narrador — o eu-lírico — na narrativa, pois em todas as estrofes há envolvimento entre a primeira e a segunda pessoa. Diferentemente do poema de Joaquim Cardozo, que celebra apenas a proeza do atleta, no de Cecília a beleza da *performance* do nadador celebrado é apresentada através das, e de permeio com, as emoções do eu-lírico.

A abordagem da natação e do salto tríplice nos poemas apresentados se faz por meio de imagens e metáforas que nos apresentam de modo lírico os aspectos objetivos dos esportes focalizados. Com base neste comentário, esclareça o que quer dizer o eu-poemático no poema de Joaquim Cardozo ao dizer que na pista havia “três pontos incertos”, “três jatos de fonte ainda secos” e “três impulsos plantados querendo nascer”.

Resolução

As três imagens em questão descrevem as três etapas do salto como se fossem potencialidades à disposição ou à espera do grande atleta capaz de realizá-las, de levá-las à efetivação. Portanto, o feito do herói celebrado consistiria em explorar e tornar efetivas algumas virtualidades extremas da realidade, virtualidades que sem ele não chegariam à realização.

INSTRUÇÃO: As questões de números **04** a **07** se baseiam numa fala de personagem de uma peça de Millôr Fernandes (1923-) e num soneto de Antero de Quental (1842-1891).

Atriz

(Rindo forçosamente depois que os atores saem.)

Tem gente que continua achando que a vida é uma piada. Ainda bem que tem gente que pensa que a vida é uma piada. Pior é a gente que pensa que o homem é o rei da criação. Rei da criação, eu, hein? Um assassino nato, usufruidor da miséria geral — se você come, alguém está deixando de comer, a comida não dá para todos, não — de que é que ele se ri? De que se ri a hiena? Se não for atropelado ficará no desemprego, se não ficar desempregado vai pegar um enfisema, será abandonado pela mulher que ama — mas ama, hein? — , arreventado pelos filhos — pelos pais, se for filho — , mordido de cobra ou ficará impotente. E se escapar de tudo ficará velho, senil, babando num asilo. Piada, é? Pode ser que haja vida inteligente em outro planeta, neste, positivamente, não. O homem é o câncer da Terra. Estou me repetindo? Pois é: corrompe a natureza, fura túneis, empesta o ar, emporcalha as águas, apodrece tudo onde pisa. Fique tranqüilo, amigo: o desaparecimento do ser humano não fará a mínima diferença à economia do cosmos.

(Millôr Fernandes. **Computa, computador, computa.**

3. ed. Rio de Janeiro: Nórdica, 1972. p. 85.)

Disse ao meu coração: Olha por quantos
Caminhos vãos andamos! Considera
Agora, desta altura fria e austera,
Os ermos que regaram nossos prantos...

Pó e cinzas, onde houve flor e encantos!
E noite, onde foi luz de primavera!
Olha a teus pés o mundo e desespera
Semeador de sombras e quebrantos! —

Porém o coração, feito valente
Na escola da tortura repetida,
E no uso do penar tornado crente,

Respondeu: Desta altura vejo o Amor!
Viver não foi em vão, se é isto a vida,
Nem foi demais o desengano e a dor.

(Antero de Quental. **Os sonetos completos de Antero de Quental**. Porto: Livraria Portuense de Lopes, 1886. p. 119; primeira edição, disponível na internet em: <http://purl.pt/122/1/P160.html>)

4

Os dois textos apresentados se identificam por expressar, sob pontos de vista distintos, a decepção e o pessimismo do homem com relação à vida e ao mundo. Diferenciam-se, todavia, na atitude final que apresentam ante essa decepção. Releia-os, atentamente, e explique essa diferença de atitude.

Resolução

No primeiro texto, Millôr Fernandes expressa uma atitude niilista, pois conclui que a espécie humana, extremamente agressiva, canalha e miserável, “não fará a mínima diferença à economia do cosmos” quando desaparecer. No segundo texto, Antero de Quental exprime uma postura orientada pela esperança, pois acredita que a dor constante da vida e a devastação gerada pelo homem são compensadas pela perspectiva final da existência, da qual se divisa o grande ideal do Amor.

5

O soneto *Solemnia verba* se desenvolve como um diálogo entre duas personagens: o eu-poemático e seu “coração”. O que simboliza, no poema, a personagem “coração”?

Resolução

Em *Solemnia verba* o “coração” tem a função de servir como contraponto ao desencanto amargo do eu-lírico. É, portanto, símbolo forte da esperança no amor — o Amor maiusculizado e entendido como força universal e esteio da existência, que consegue sobreviver até mesmo às situações mais inóspitas.

6

Se um estudante emprega, numa dissertação, o verbo “ter” no sentido de existir, numa frase como “Tem muitos alunos na escola”, é penalizado na correção pelo professor, que recomenda nesse caso o emprego do verbo “haver”. O mesmo professor considerará perfeitamente normal que a personagem feminina da peça de Millôr Fernandes empregue, por duas vezes: “Tem gente”. Justifique por que essas atitudes do professor não são contraditórias.

Resolução

As atitudes do professor não são contraditórias, pois se referem a contextos lingüísticos diferentes. Quando, numa dissertação ou outro trabalho escolar, o professor condena o emprego do verbo *ter* no lugar de *haver*, ele está chamando a atenção do aluno para o fato de que o uso de *ter*, no sentido de “existir”, é popular e coloquial, só devendo ocorrer com propriedade em situações informais. Portanto, é perfeitamente aceitável, num contexto como o da peça teatral de Millôr Fernandes, que a personagem empregue a variante popular, porque esta condiz com o ambiente e a situação representados.

7

Ao focalizar as ações dos homens na Terra, a personagem da peça de Millôr Fernandes conclui: “Pode ser que haja vida inteligente em outro planeta, neste, positivamente, não.” Explique o que quer dizer a personagem, com essa afirmação, sobre a natureza do ser humano.

Resolução

Ao afirmar que não há vida inteligente neste planeta, a personagem de Millôr Fernandes permite que se infira que o Homem é um ser tolo. Ele se baseia no fato de que este, assassino, explorador, massacrado pelo sistema social, pela família e pelas próprias forças biológicas, erra grosseiramente ao se considerar “o rei da criação”.

INSTRUÇÃO: As questões de números **08** a **10** tomam por base uma passagem de um romance do escritor naturalista brasileiro Aluísio Azevedo (1857-1913).

Afinal conseguiram chegar. Mas, ah! quando a pobre Magdá, toda trêmula e exausta de forças já no tope da pedreira, defrontou com o pavoroso abismo que se precipitava debaixo de seus pés, soltou um grito rápido, fechou os olhos, e teria caído para trás, se o Conselheiro não lhe acode tão a tempo.

— Magdá, minha filha! Então! então!

Ela não respondeu.

— Está aí! está aí o que eu receava! Lembrar-se de subir a estas alturas!... E agora a volta...?

— Pode vossência ficar tranqüilo por esse lado, arriscou um dos cavouqueiros, que se havia aproximado, a coçar a cabeça. — Se vossência quiser, eu cá estou para pôr esta senhora lá embaixo, sem que lhe aconteça a ela a menor lástima.

— Ainda bem! respondeu S. Exa. com um suspiro de desabafo.

O trabalhador que se ofereceu para conduzir Magdá era um moço de vinte e tantos anos, vigoroso e belo de força. Estava nu da cintura para cima e a riqueza dos seus músculos, bronzeados pelo sol, patenteava-se livremente com uma independência de estátua. Os cabelos, empastados de suor e pó de pedra, caíam-lhe em desordem sobre a testa e sobre o pescoço, dando-lhe à cabeça uma satírica feição de sensualidade ingênua.

— Vamos! Vamos! apressou o Conselheiro, entregando-lhe a filha.

O rapaz passou um dos braços na cintura de Magdá e com o outro a suspendeu de mansinho pelas curvas dos joelhos, chamando-a toda contra o seu largo peito nu. Ela soltou um longo suspiro e, na inconsciência da síncope, deixou pender molemente a cabeça sobre o ombro do cavouqueiro. E, seguidos de perto pelo velho, lá se foram os dois, abraçados, descendo, pé ante pé, a íngreme irregularidade do caminho.

Era preciso toda atenção e muito cuidado para não rolares juntos; o moço fazia prodígios de agilidade e de força para se equilibrar com Magdá nos braços. De vez em quando, nos solavancos mais fortes, o pálido e frio rosto da filha do Conselheiro roçava na cara esfogueada do trabalhador e tingia-se logo em cor-de-rosa, como se lhe houvesse roubado das faces uma gota daquele sangue vermelho e quente. Ela afinal teve um dobrado respirar de quem acorda, e entreabriu com volúpia os olhos. Não perguntou onde estava, nem indagou quem a conduzia; apenas esticou nervosamente os músculos num espreguiçamento de gozo e estreitou-se em seguida ao peito do rapaz, unindo-se bem contra ele, cingindo-lhe os braços em volta do pescoço com a avidez de quem se apega nos travesseiros aquecidos para continuar um

sono gostoso e reparador. E caiu depois num fundo entorpecimento, bambeando as pálpebras; os olhos em branco, as narinas e os seios ofegantes; os lábios secos e despregados, mostrando a brancura dos dentes. Achava-se muito bem no tépido aconchego daquele corpo de homem; toda ela se penetrava do calor vivificante que vinha dele; toda ela aspirava, até pelos poros, a vida forte daquela vigorosa e boa carnadura, criada ao ar livre e quotidianamente enriquecida pelo trabalho braçal e pelo pródigo sol americano. Aquele calor de carne sã era uma esmola atirada à fome do seu miserável sangue.

E Magdá, sentindo no rosto o resfolegar ardente e acelerado do cavouqueiro, e nas carnes macias da garganta o roçar das barbas dele, ásperas e maltratadas, gemia e suspirava baixinho como se estivessem a acarinhá-la depois de longa e assanhada pugna de amor.

Quando o moço, já embaixo, a depôs num banco de pedra que ali havia, a enferma abriu de todo os olhos, deixou escapar um grito e cobriu logo o rosto com as mãos. Agora não podia encarar com aquele homem de corpo nu que ali estava defronte dela, a tirar com os punhos o suor que lhe escorria em bagas pela testa.

Chorou de pejo.

O seu pudor e o seu orgulho revoltaram-se, sem que ela soubesse determinar a razão por quê. Uma cólera repentina, um sófrego desejo de vingança, enchiam-lhe a garganta com um novelo de soluços. O pranto parecia sufocá-la quando rebentou.

— Eu magoei-a, ó patroazinha?... perguntou o trabalhador com humildade, quase sem poder vencer ainda o cansaço. E o imprudente tocou com a mão no ombro de Magdá, procurando, coitado, dar-lhe a perceber o quanto estava consumido por vê-la chorar daquele modo. Ela estremeceu toda e fugiu com o corpo, nem que se houvessem chegado um ferro em brasa; e abraçou-se ao pai, escondendo no peito deste os soluços que agora borbotavam sem intermitência.

(Aluísio Azevedo. **O homem**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1970. p. 94-97.)



8

O homem se caracteriza como um romance naturalista, em que as decisões de caráter moral das personagens resultam de conflitos, porque estão condicionadas simultaneamente a suas condições físicas e psicológicas, ao confronto entre os instintos e a moral. De posse desta informação, demonstre que, no universo da narrativa naturalista, a atitude de Magdá em repudiar o trabalhador que acaba de prestar-lhe um grande auxílio, carregando-a ladeira abaixo, é perfeitamente explicável.

Resolução

A atitude de Magdá em repudiar o trabalhador se justifica a partir do binômio “condições físicas” x “psicológicas” e “instinto” x “moral”. Num primeiro momento, Magdá, “trêmula e exausta”, fisicamente debilitada, rende-se, instintivamente, ao auxílio do cavouqueiro, “vigoroso e belo de força”, ao mesmo tempo bruto e viril, formado pelo meio em que vive. Assim, nesse instante inicial, o determinismo biológico modula as reações das personagens. Vale ressaltar que o trecho transcrito é carregado de sensualidade, recurso comum no naturalismo e que está ligado à zoomorfização humana. Após a travessia, ao ser colocada em segurança em um banco de pedra, o “pudor” e o “orgulho” a que Magdá fora condicionada (“sem que ela soubesse determinar a razão por quê”) fazem com que sua moral se sobreponha ao instinto. Justifica-se, pois, a reação de Magdá, que repudia o trabalhador que a tinha acabado de auxiliar.

9

Embora, no fragmento apresentado, a personagem central seja Magdá, destaca-se bastante a figura do cavouqueiro pelos aspectos positivos que o narrador descreve. Releia o fragmento e, a seguir, aponte um aspecto positivo sob o ponto de vista físico e um aspecto positivo sob o ponto de vista psicológico dessa personagem.

Resolução

O texto é pródigo na descrição física do cavouqueiro e todos os aspectos são positivos: vigor e beleza física, riqueza de músculos, feição sensual, prodígios de agilidade e de força, vigorosa e boa carnadura, físico moldado pelo trabalho braçal e pelo sol. Do ponto de vista psicológico, as atitudes do cavouqueiro revelam sua índole e personalidade, pois foi prestativo ao se oferecer para carregar a moça, subserviente na obediência ao Conselheiro e humilde ao interrogar a “patroazinha”.

No final do primeiro parágrafo, o narrador empregou “acode”, presente do indicativo, quando a correlação usual com as demais formas verbais exigiria o pretérito imperfeito do subjuntivo, “acudisse”. Essa quebra da correlação, todavia, é feita intencionalmente pelo narrador, com o objetivo de produzir um efeito expressivo. Releia o parágrafo e explique esse efeito expressivo causado pelo emprego do presente do indicativo.

Resolução

A quebra da correlação verbal, com o presente do indicativo (chamado *presente narrativo*) empregado no lugar do pretérito imperfeito do subjuntivo, sugere que a intenção do narrador foi presentificar e atualizar a cena, tornando-a vívida para o leitor, intensificando a expressão do momento de medo e perigo por que passavam as personagens.

REDAÇÃO

INSTRUÇÃO: Leia atentamente os fragmentos de textos apresentados a seguir.

1. Fragmento de livro de Isaac Asimov:

Todas as formas de vida diversas da humana só lidam com recursos renováveis. Determinados organismos podem morrer por falta temporária de alimento e água em determinado lugar, ou por causa de aberrações climáticas, ou por presença e atividade de predadores, ou meramente por causa da idade avançada. Toda uma espécie pode morrer devido a mudanças genéticas, à incapacidade de adaptar-se a alterações ambientais, ou à substituição por outra espécie com melhores possibilidades de sobrevivência. Entretanto, a vida continua, pois a Terra segue sendo habitável, graças à eterna reciclagem de recursos renováveis.

Somente o ser humano lida com recursos não-renováveis e, portanto, só ele corre o risco de estruturar um modo de vida cujos elementos essenciais podem faltar repentinamente. Essa falta pode representar tamanha desarticulação que é capaz de pôr fim à civilização humana. Aí, então, a Terra poderá ainda comportar a vida, mas não mais o avanço tecnológico.

(Isaac Asimov. **Escolha a catástrofe.**

São Paulo: Círculo do Livro, 1979. p. 305.)

2. Fragmento de livro de Gilberto Dupas:

Cientistas renomados fazem-nos graves advertências sobre a maneira como estamos conduzindo nossos caminhos. Ao mesmo tempo, eles nos delegam responsabilidades brutais. O filósofo Daniel Dennett acha quase certo não sermos a espécie do planeta com maior chance

de sobreviver. Perdemos para as baratas e as criaturas mais simples. Possuímos uma grande vantagem: a condição de olhar à frente e planejar. No entanto, apesar — e por causa — de todo o avanço tecnológico de que fomos capazes, caminhamos em direção a uma barreira de escassez, não de minérios ou energia, mas de água e alimentos. O sociobiologista Edward O. Wilson lembra que transformamo-nos na primeira espécie a se tornar uma força geofísica, capaz de alterar o clima da Terra; e que temos sido os maiores destruidores de vida desde o meteorito que caiu perto de Iucatã há 65 milhões de anos e encerrou o ciclo dos grandes répteis. Com a superpopulação e o atual estilo de desenvolvimento, corremos o risco de esgotar nossas reservas naturais — inclusive de água doce — e eliminar para sempre numerosas espécies vegetais e animais. Ele nos compara a uma família que dissipa irrefletidamente seu parco patrimônio e que depende cada vez mais de novos conhecimentos para se manter viva. De fato, se hipoteticamente retiramos a eletricidade de uma tribo de aborígenes australianos, quase nada acontecerá. Se o fizermos aos moradores da Califórnia, milhões morrerão.

[...]

É curioso como nossa maravilhosa capacidade de previsão tem evoluído menos que nosso arsenal destrutivo e nossas aspirações de consumo. O homem primitivo dava-se por satisfeito ao voltar para a caverna com algum alimento para sua família e por ter sobrevivido mais um dia. Hoje, tentamos planejar a longo prazo: mas é difícil avaliar as conseqüências de nossas ações para mais de duas gerações. É o caso da degradação do meio ambiente. Ao cortarmos uma árvore da floresta tropical, raramente assumimos que nossos bisnetos poderão encontrar lá um deserto. E, embora saibamos ter de preservar a velha Mãe Terra, o único lar capaz de sustentar a vida, continuamos a destruir seus frágeis ecossistemas naturais, envenenar as águas e poluir o ar com o uso irresponsável da tecnologia.

(Gilberto Dupas, **Ética e poder na sociedade da informação**. São Paulo: Editora Unesp, 2000. p. 63-65.)

3. Fragmentos de um artigo de Moacir Gadotti:

A sensação de pertencimento ao universo não se inicia na idade adulta e nem por um ato de razão. Desde a infância, sentimo-nos ligados com algo que é muito maior do que nós. Desde crianças nos sentimos profundamente ligados ao universo e nos colocamos diante dele num misto de espanto e de respeito. E, durante toda a vida, buscamos respostas ao que somos, de onde viemos, para onde vamos, enfim, qual o sentido da nossa existência. É uma busca incessante e que jamais termina. A educação pode ter um papel nesse processo se colocar questões filosóficas fundamentais, mas também se souber trabalhar ao lado do conhecimento, essa nossa capacidade de nos encantar com o universo.

Hoje, tomamos consciência de que o sentido das nossas vidas não está separado do sentido do próprio

planeta. Diante da degradação das nossas vidas, no planeta chegamos a uma verdadeira encruzilhada entre um caminho Tecnozóico, que coloca toda a fé na capacidade da tecnologia de nos tirar da crise sem mudar nosso estilo de vida poluidor e consumista, e um caminho Ecozóico, fundado numa nova relação saudável com o planeta, reconhecendo que somos parte do mundo natural, vivendo em harmonia com o universo, caracterizado pelas atuais preocupações ecológicas. Temos que fazer escolhas. Elas definirão o futuro que teremos. Não me parece, realmente, que sejam caminhos totalmente opostos. Tecnologia e humanismo não se contrapõem. Mas, é claro, houve excessos no nosso estilo de vida poluidor e consumista e que não é fruto da técnica, mas do modelo econômico. Este é que tem que ser posto em causa. E esse é um dos papéis da educação sustentável ou ecológica.

[...]

Não aprendemos a amar a Terra lendo livros sobre isso, nem livros de ecologia integral. A experiência própria é o que conta. Plantar e seguir o crescimento de uma árvore ou de uma plantinha, caminhando pelas ruas da cidade ou aventurando-se numa floresta, sentindo o cantar dos pássaros nas manhãs ensolaradas ou não, observando como o vento move as plantas, sentindo a areia quente de nossas praias, olhando para as estrelas numa noite escura. Há muitas formas de encantamento e de emoção frente às maravilhas que a natureza nos reserva. É claro, existe a poluição, a degradação ambiental, para nos lembrar de que podemos destruir essa maravilha e para formar nossa consciência ecológica e nos mover à ação.

(Moacir Gadotti. Pedagogia da terra e cultura de sustentabilidade. **Revista lusófona de educação**, 2005. Vol. 6, p. 19-20.)

PROPOSIÇÃO

A personagem da peça de Millôr Fernandes, que serviu como uma das bases para as questões de números **04 a 07**, afirma que “o homem é o câncer da Terra”, visão pessimista que poderia ser traduzida como: a civilização é o pior ou um dos piores males do planeta e conduzirá tudo para a destruição. Uma pessoa bastante otimista não concordaria com esse parecer e defenderia tese contrária: o homem é o maior dos bens que já surgiram neste planeta e conseguirá não apenas sobreviver, mas também preservar as outras formas de vida. Entre esses extremos de pessimismo e de otimismo podem surgir inúmeras outras interpretações sobre a presença e as ações dos seres humanos na Terra. Releia os textos apresentados como base para as questões de números **04 a 07**, bem como os três fragmentos acima transcritos e, a seguir, manifeste sua própria opinião, fazendo uma redação em prosa, de gênero dissertativo, sobre o tema:

O HOMEM: INIMIGO DO PLANETA?

O tema proposto foi: *O homem: inimigo do planeta?* Esperava-se que o candidato respondesse a essa questão, expondo a própria opinião sobre "a presença e as ações dos seres humanos na Terra". A exemplo de provas anteriores, a Banca ofereceu, como base para a discussão proposta, três fragmentos, além de dois textos que fizeram parte da prova de Língua Portuguesa. Caso optasse por adotar um ponto de vista pessimista acerca do assunto, o candidato poderia valer-se das idéias da personagem criada por Millôr Fernandes, que desdenha o fato de o homem sentir-se "rei da criação", acusando-o de ser um "assassino nato", "o câncer da Terra". Contaria, ainda, com Gilberto Dupas, que recorre a "cientistas renomados" para nos alertar quanto à maneira como estamos dissipando irresponsavelmente nossos recursos naturais, a despeito de "todo o avanço tecnológico de que fomos capazes". Já o vestibulando que preferiu defender uma tese otimista pôde contar com os fragmentos do artigo de Moacir Gadotti, que destaca a "capacidade de se encantar com o universo", reconhecendo-o como "algo que é muito maior do que nós". Essa reverência, estimulada pela educação sustentável ou ecológica, acabaria por "nos mover à ação". Uma terceira possibilidade estaria no reconhecimento de que, de acordo com Isaac Asimov, somente o homem é capaz de lidar com recursos não-renováveis, cabendo a ele controlar o risco de "pôr fim à civilização humana". Antero de Quental também poderia ser lembrado pelo soneto *Solemnia verba*, que celebra o Amor por seu poder de restaurar "pó e cinzas", tornando-os novamente "flor e encantos". Cabe observar, contudo, que embora o candidato pudesse fazer uso de todos esses textos de apoio, deveria também recorrer a seu próprio repertório cultural, dele extraíndo argumentos que contribuíssem para enriquecer sua dissertação.